



André Dusek/AE



Malu de Souza/AE

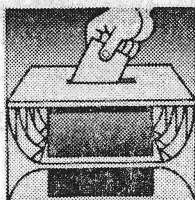
Belisa Ribeiro e Juca Colagrossi: protagonistas da maior disputa pelo poder dentro da campanha de Collor

Conta de NCz\$ 1 milhão por dia dá briga no PRN

**Por trás das câmeras,
mudança no programa de
TV de Collor escondeu
guerra de assessores**

PATRICIA ZIDAN

Os telespectadores podem ter percebido mudanças no programa que Fernando Collor de Mello leva ao ar desde o dia 25 de



setembro — quando o candidato trocou o tom de professor de geografia por um estilo que inclui até acusações a adversários —, mas certamente não tomaram conhecimento da guerra que foi travada atrás das câmeras pelos assessores do PRN. A disputa não ficou apenas em torno dos milhares de dólares reservados à equipe da jornalista Belisa Ribeiro, encarregada de dar tom à programação de televisão do candidato: a briga se deu pelo poder e também por uma conta milionária. Apenas com material publicitário, a campanha de Collor gasta atualmente NCz\$ 1 milhão por dia — e é a administração de

uma fatia desse dinheiro que está por trás dessa batalha de bastidores na campanha do PRN.

Quem vê Juca Colagrossi — o antigo coordenador do programa, que foi substituído por Belisa — embarcar e desembarcar, desde terça-feira, de um jatinho fretado por Collor para colher informações sobre a campanha nos Estados, acredita que uma das maiores crises da candidatura do PRN chegou ao fim. “É paz armada”, confidencia um bom observador, pertencente ao segundo escalão da campanha.

Juca Colagrossi perdeu o poder sobre a televisão — vitrine do candidato —, mas guarda duas armas valiosas para um eventual contra-ataque: informações cuja divulgação não interessam a Collor e o chamado “dossiê Brizola”.

O ex-coordenador de televisão da campanha do PRN ficou irritado ao ler nos jornais as declarações que o grupo de Alagoas — os deputados Renan Calheiros e Cleto Falcão e o assessor de imprensa Cláudio Humberto Rosa e Silva — fez para justificar a substituição dele por Belisa, dois dias após a reunião de cúpula realizada em Belo Horizonte, onde foram definidas as mudanças.

Num pulo da cadeira, alcançou o telefone e ligou para a casa de Cláudio Humberto. “Nunca poderia ter dito que sou amador, Cláudio”, protestou irritado o criador dos três programas apresentados por Collor no primeiro semestre. “Você sabe que da mesma maneira como ajudei o Fernando a subir dos 3% aos 40% eu posso devolvê-lo aos 3%, abrindo uma nova crise na campanha e contando os podres”, ameaçou.

A resposta de Cláudio Humberto é lembrada pelo próprio Juca: “Você tem caráter e ética, não faria uma coisa dessas”. Revoltado, Juca acusou: “É a sua falta de caráter que faz você usar o meu caráter para me manter calado”. As indesejáveis informações que Colagrossi detém sobre a campanha de Collor ele não revela “por lealdade a Fernando”.

MERCADO EM ALTA

A cotação dessa lealdade começa a subir no mercado. Assessores dos candidatos Guilherme Afif Domingos (PL), Paulo Maluf (PDS) e Leonel Brizola (PDT), segundo Juca, já o procuraram. “Um deles me ofereceu dez vezes mais do que ganho no comitê”, contou Cola-

grossi, que, mesmo se quisesse, não poderia aceitar a oferta porque diz estar trabalhando na campanha de Collor “sem nada receber”.

A segunda arma em poder do ex-coordenador é o dossiê Brizola, um acervo de 50 fitas de vídeo gravadas por Belisa durante as campanhas eleitorais do governador Moreira Franco, em 1986, e de José Colagrossi, pai de Juca, derrotado ano passado na disputa pela prefeitura do Rio. “O material contém detalhes sobre os escândalos do Detran, o envolvimento do ex-secretário Arnaldo Campana com a máfia corsa, o rombo do Banerj e outras coisa mais”, informou a jornalista Maria Teresa Lopes Teixeira, ex-chefe de gabinete de Belisa, na Secretaria de Comunicação, do governo de Moreira.

“Ter tempo para fazer um programa como foi feito para apresentar em março, é fácil. Agora quero ver fazer um a cada dia”, disse Belisa. “Ela que faça um programa inteiro sozinha, para depois afirmar isso”, retrucou Juca nos bastidores. “Será que Belisa não se lembra que os programas que fez para meu pai o deixaram com 4% da votação no Rio?”